

INTEGRAÇÃO EM AMBIENTE DIGITAL: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA DE MEDIAÇÃO LITARÁRIA E PRODUÇÃO DE RESENHAS LITERÁRIAS NOS PERFIS DE instabooks

**Renata Chaves Lopes
Viviane Aires Araújo
Cleudene de Oliveira Aragão**

1. Introdução

É inegável que, nos últimos anos, convivemos com uma numerosa quantidade de gêneros devido ao uso e a influência das redes sociais. De acordo com Buzato (2016) “as redes sociais são ferramentas de modelagem para o funcionamento estrutural (global) de um conjunto social a partir de interações locais” (p.38). Com advento da Web 2.0, as redes sociais inauguraram um ambiente de interação e participação, englobando inúmeras linguagens, inclusive permitindo à sociedade configurar e reconfigurar a linguagem, a interagir e formar laços.

Pessoas de diferentes níveis socioeconômicos e variadas faixas etárias, inclusive a escolar, acessam a internet, principalmente as redes sociais, no entanto, mesmo assim, a escola ainda tende a reprimir e taxar negativamente as práticas sociais vinculadas a esse meio digital. Gomes (2016) chama o meio escolar de logocêntrico, no sentido de manter gêneros tradicionais do meio impresso e a escrita, principalmente a normativa, como objeto de estudo central, desprestigiando, dessa forma, gêneros próprios do meio digital que exploram as multissensioses como o som, a imagem e o vídeo.

Atualmente, contudo, diante do contexto da pandemia, o ensino foi restrito aos suportes e ambientes tecnológicos. Dessa maneira, tornamo-nos reféns do meio digital ao torná-lo o único meio possível de interação e realização de atividades antes restritas ao âmbito escolar. Essa nova demanda, surgida de forma emergencial, tornou o ensino dependente das novas tecnologias e as práticas sociais vinculadas ao meio digital, antes reprimidas e taxadas negativamente (GOMES, 2016), tornaram-se uma realidade urgente na relação de ensino-aprendizagem do contexto atual.

Assim, partindo da perspectiva de que a escola deve considerar tanto esse novo contexto, como conversar mais com a sociedade e a comunidade da qual faz parte, faz-se necessário que o meio escolar ofereça novos letramentos, aqueles que requerem não só o uso da tecnologia, mas também a presença de um novo *ethos* visto que os novos letramentos possibilitam ações de colaboração, distribuição e compartilhamento de conhecimentos, e “também possibilitam a participação em discursos contraditórios questionadores e inovadores que tornam possíveis outras performances identitárias e a reinvenção social” (LOPES, 2012, p. 208). Proporcionando, dessa forma, a formação de um leitor crítico, que, segundo Freire (2011) é, antes de tudo, um cidadão letrado, que está inserido dentro de uma comunidade linguística e precisa se relacionar socialmente.

Para possibilitar a formação desse leitor crítico, é importante que ele seja inserido em variadas práticas de leitura e escrita, sobretudo literária. Diante desse contexto, no presente artigo, apresentamos uma abordagem metodológica de mediação de leitura literária em integração com o ambiente digital em uma turma eletiva, composta com alunos do 1º, 2º e 3º anos do ensino médio, em um ambiente de aprendizagem síncrono e assíncrono.

Em nossas abordagens de mediação literária, aplicamos a sequência básica proposta por Cosson (2014), uma metodologia que prioriza a relação entre o leitor e o texto, sendo o professor alguém que estimula e acompanha todo o processo. E, para realizar a última etapa do processo, que é a interpretação, promovemos também a integração digital dos alunos, que é caracterizada, segundo Cosson (2019), pelas diversas práticas de leitura e escrita no ambiente digital. Essa integração foi feita através das postagens de resenhas literárias presentes nos perfis literários da rede social Instagram, os *instabooks*, que são perfis com propostas de divulgar um conteúdo literário que vão desde as resenhas, sugestões de leituras, lançamentos de livros e "passeios" pela estante de livros do dono do perfil.

Assim sendo, na próxima seção, apresentamos e discutimos as teorias que embasam nosso estudo que tratam da mediação de leitura na escola, bem como a integração pedagógica com o ambiente digital. Em seguida, detalhamos o percurso metodológico adotado para a nossa investigação. Posteriormente, analisamos os dados obtidos e, por fim, apresentamos as reflexões da pesquisa nas considerações finais.

2. Mediação de Leitura Literária e Produção da resenha em ambiente digital

A mediação de leitura, conforme destaca Cavalcante (2018), é caracterizada pelas relações dialógicas entre os sujeitos. De acordo com o que evidencia a autora

Em forma de diálogo, a mediação pode ocorrer em diferentes formatos para públicos diversos em ambiências como bibliotecas públicas, escolares e comunitárias, centros culturais, livrarias, museus e teatros, apenas alguns dos espaços tradicionais de promoção da leitura. Ou mesmo em locais improvisados ou públicos como varandas, calçadas, condomínios, garagens, praças e parques. (CAVALCANTE, 2019, p. 7).

Segundo Cavalcante (2018), a mediação pode acontecer em diversas fases da vida do leitor e em diversos lugares além da escola. Nessa relação dialógica, o papel do leitor é primordial, pois esse sujeito, através da interação que faz com o texto literário, constrói uma série de informações e inferências que constituem a sua interpretação. Dessa maneira, podemos notar que a mediação prioriza a formação de um leitor ativo. Apesar de entendermos que a mediação pode acontecer para além da escola, discutiremos sobre a importância dessa instituição no processo de mediação de leitura literária e formação dos leitores.

Cavalcante (2018) afirma ser a mediação de leitura um convite. De acordo com a autora, apenas o acesso aos livros não é suficiente, é necessário um convite à leitura. Esse convite mencionado pela autora é parte da função do professor mediador que, através de um planejamento que privilegie a interação entre o leitor e o texto literário, age de forma a motivar os seus alunos para a leitura. Ressaltamos que esse é o papel inicial do professor mediador, pois esse sujeito deve acompanhar todo o processo de interação entre o sujeito e o texto literário, conforme aprofundaremos adiante.

Barbosa e Barbosa (2013) definem a mediação como um ato de acolhimento que permite que aqueles que buscam adentrar o mundo da leitura, façam o uso dessa hospitalidade para apoiar-se e dar materialidade a suas buscas e desejos de compreensão da palavra, da vida. Principalmente, para elaborar, construir seu próprio lugar de leitor (Barbosa e Barbosa, 2013, p.11).

Conforme podemos perceber, a mediação como um convite (CAVALCANTE, 2018) e acolhimento (Barbosa e Barbosa, 2013) remetem à maneira de receber um leitor. Diante dessas discussões, nos questionamos sobre como a escola tem recebido os seus leitores e ressaltamos a importância desse acolhimento proporcionado pela mediação através da qual o aluno é estimulado a construir sua experiência literária.

Destacamos, porém, que nossa discussão leva em conta a mediação de leitura literária na escola. Sobre a formação do leitor literário, Loyola (2013) afirma que há uma grande diferença entre um leitor comum e um leitor literário. De acordo com a autora, um leitor literário bem formado lê tudo, qualquer coisa. Entretanto, o mesmo não se pode dizer do inverso. Loyola (2013) ressalta que "um voraz leitor de textos técnicos, conteúdos virtuais sobre atualidades etc. pode não conseguir enxergar, compreender e experimentar a complexidade e a beleza de uma grande obra literária" (LOYOLA, 2013, p.115).

Ainda no contexto escolar, acrescentamos que o leitor literário pode e deve ser formado para ser proficiente tanto na leitura do texto impresso, quanto na leitura do texto no ambiente digital. Quanto ao ambiente digital, Coscarelli (2016) acredita que a leitura requer habilidades e estratégias particulares a esse meio e que não podemos desconsiderar o contexto social no qual a leitura acontece, assim como também não podemos deixar de considerar a identidade, a história e as experiências do leitor que impactam diretamente no perfil do leitor.

Santaella (2014) descreve quatro perfis de leitores são: o leitor **contemplativo, movente, imersivo e ubíquo**. Dentre estes, o último perfil, o ubíquo, destacamos como muito caro para nossa pesquisa, pois diz respeito ao leitor característico dos *smartphones* e das redes sociais. O nome, ubíquo, justifica-se pelo fato de esse leitor ter como principal característica a sensação de onipresença ocasionada pelos sistemas portáteis, que facilitam, cada vez mais, o acesso ao mundo virtual. Esse leitor tem a capacidade de "ler e transitar entre formas, interações de forças, movimentos, direções, trações, cores, luzes que se acedem e que se apagam". Cognitivamente, esse leitor é capaz de processar "paralela e conjuntamente, informações de ordens diversas, dando a elas o mesmo grau de importância." (SANTAELLA, 2014, p. 35).

Entretanto, Santaella (2014) reforça que um tipo de leitor, como o ubíquo, pode assumir a característica dos outros perfis, dependendo da situação de uso da leitura. E, nesse contexto, as novas possibilidades de comunicação refletem sobre o comportamento do público leitor que agora tem a capacidade de não ser mais apenas receptor, e sim coautor, participante da produção da informação, assumindo, assim, uma postura de produtor e consumidor, o que motivou Toffle (2010) a denominar esse público de *prossumidores*. Para o autor, esse público consome e produz a informação, fazendo com que ela circule em nossos espaços da web como os blogs, perfis de redes sociais e outros ambientes. Esse movimento acontece tanto em relação às informações cotidianas, como também em relação à literatura. Muitos usuários, fãs de literatura, tanto consomem o texto literário na *web*, como também os produzem em páginas de rede sociais, em plataformas de repositórios de textos e em outros locais.

Quanto à leitura e à produção literária no ambiente digital, esta sofre algumas modificações em relação ao meio impresso que vão desde o distanciamento físico (corporal)

do objeto de leitura e o domínio de habilidades “simples” como saber fazer uso do suporte eletrônico, à compreensão dos recursos próprios do meio digital, que são apontados por Carvalho (2010) como artísticos (visual, cinético e sonoro) e computacionais (meios digitais, hipertextualidade, interatividade, processo interativo e hipermedialidade).

O primeiro desses recursos, o artístico, aborda a multimodalidade, que está presente tanto no texto impresso quanto no digital, no entanto, neste último, essa característica tem a possibilidade de ser muito mais explorada uma vez que os recursos computacionais facilitam que os múltiplos modos semióticos se integrem, o que demanda do leitor uma colaboração na compreensão diferenciada do texto impresso.

A multimodalidade é um recurso muito importante para as postagens da rede social *Instagram*, pois este é um aplicativo que transmite a mensagem através de múltiplas semioses, como o texto verbal (às vezes chamado pelos seus usuários de legenda), o texto não verbal que são as imagens estáticas (fotos) e não estáticas (vídeos, gifs), além dos recursos sonoros.

No caso da resenha literária presente nos perfis literários, os *instabooks*, é um gênero que lança mão tanto do recurso verbal, pois as resenhas costumam serem postadas na legenda, como das imagens estáticas, fotos da capa do livro, de alguma cena e/ou de um personagem importante para história. Nas postagens dessas resenhas, podemos verificar também que o processo interativo pode se realizar através dos comentários dos seguidores, quanto à hipertextualidade percebemos que o autor da postagem tem também o poder de marcar o @ da editora, do autor do livro e/ou de outros perfis literários, funcionando, dessa forma, como um hiperlink entre os perfis.

Quanto à resenha, originalmente, é um gênero cujo objetivo é fornecer uma opinião crítica sobre um determinado livro. Motta-Roth (2010) afirma que o resenhador descreve e avalia uma dada obra a partir de um ponto de vista e que basicamente é um texto desenvolvido em quatro ações: apresentar, descrever, avaliar e recomendar ou não o livro lido. Apesar de a autora referir-se a resenhas da esfera acadêmica, consideramos tal definição pode perfeitamente ser usada também para resenhas literárias, seja no ambiente impresso ou digital. Entretanto, no caso das resenhas literárias em ambientes digitais, podem adotar uma estrutura menos rígida que no ambiente impresso, na esfera acadêmica e se reelaborarem, segundo Lopes (2021), absorvendo recursos próprios das mídias digitais.

A seguir, discutimos sobre as etapas presentes na proposta básica de Cosson (2014), como também ilustramos práticas que envolvem a cultura do digital em interface com a cultura do letramento literário denominada por Cosson (2019) como integração pedagógica.

2.1 Abordagem metodológica da mediação de leitura literária com a integração em ambiente digital

Como já ressaltamos na subseção anterior, o mediador deve acompanhar todo o processo de interação do leitor com o texto literário, seja esse texto impresso ou no ambiente digital. Dessa forma, encontramos na **sequência básica**, proposta por Cosson (2014), etapas que privilegiam a interação do leitor com o texto e a atuação do mediador como um sujeito que estimula e acompanha todo o processo, como também em outra metodologia, **integração pedagógica**, também prevista pelo mesmo autor, que diz respeito a presença da literatura na internet em atividades que podem ser desenvolvidas no ambiente escolar. A seguir, discutiremos as metodologias em questão.

A **sequência básica** proposta por Cosson (2014) é constituída de quatro passos, são eles: *motivação, introdução, leitura e interpretação*. A *motivação* é o momento de preparação

do leitor. De acordo com o que ressalta Cosson (2014, p.54), “a leitura demanda uma preparação, uma antecipação”. Nesse passo, o professor mediador atua como alguém que estimula o leitor e exerce influência sobre as suas expectativas (COSSON, 2014).

A *introdução* é o momento de apresentação da obra e do autor. Segundo Cosson (2014), na introdução é suficiente que se forneçam informações básicas sobre o autor, se possíveis, ligadas ao texto apresentado. O próximo momento é o da *leitura*. Nessa etapa, o professor mediador acompanha o leitor, pois conforme afirma Cosson (2014, p.62), “a leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista”. Por fim, após o momento da leitura, há o da *interpretação*. Cosson (2019), destaca que essa etapa requer uma condução organizada e sem imposição. Essa etapa é entendida por Cosson (2014) como um momento de externalização da leitura, de seu registro. Conforme exemplifica o autor, “o professor de Português pode sentir necessidade de aproveitar a ocasião para que os alunos demonstrem suas habilidades de escrita e solicitar uma resenha [...]” (COSSON, 2014, p.66).

Aplicamos a sequência básica de Cosson (2014) em nossa metodologia para mediar as leituras propostas e, na etapa da interpretação, aplicamos uma atividade de produção de resenhas. Conforme ressalta Cosson (2014), não há restrições para as atividades de interpretação, desde que mantenha o caráter de registro do que foi lido. Certamente, com as produções das resenhas, os alunos puderam externalizar suas opiniões sobre a leitura dos textos e também registrá-las.

Ainda sobre essa etapa, a interpretação, como parte do processo de leitura, é caracterizada por Cosson (2014) como o centro do processamento do texto, momento em que as inferências levam o leitor a entretecer as palavras com o conhecimento de mundo que tem. O autor ainda salienta que, no processo de interpretação, “o leitor negocia o sentido do texto, em um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade” (COSSON, 2019, p.41). Já Leffa (2012), por sua vez, aprofunda esse processo sob três perspectivas: a interpretação como paráfrase, como réplica e como procedimento dialético.

A interpretação como paráfrase tem o objetivo de explicar diferentes tipos de texto através de um resumo de modo que a leitura fique mais clara para o leitor; enquanto que na réplica quem participa do processo de interpretação “não procura explicar o texto diretamente para o leitor, como a paráfrase, mas indiretamente, criando uma pretensa interlocução com o autor, rebatendo e contestando o que foi originalmente proposto” (LEFFA, 2012, p.264). E, por fim, na perspectiva da interpretação como procedimento dialético, constitui-se através de perguntas e respostas muito semelhantes aos exercícios propostos nas aulas de linguagem. Dessa forma, é com essas concepções de interpretação desses autores que pretendemos analisar a etapa final da nossa abordagem.

Quanto à **Integração Pedagógica**, segundo Cosson (2019), as práticas envolvidas nessa metodologia integram de fato a cultura do digital e há “um uso mais interativo do aluno e professor para ler e também produzir textos que se apresentam por meio de hibridização de linguagens, de remediação e de transmídia” (COSSON, 2019, p. 154). De acordo com esse princípio, Cosson, apoiado em vários outros pesquisadores, propõe várias práticas de leitura e produção literária, utilizando aplicativos e redes sociais. Dentre eles, o *Twitter* como suporte, uma prática apelidada pelos pesquisadores *twitteratura*, na qual os alunos podem fazer um trabalho de prospecção de textos literários, buscando informações sobre temas e autores desses textos em outros espaços da internet, posteriormente fazer uma leitura dos elementos textuais selecionados e, finalmente, criticar os textos lidos também utilizando *Twitter*, permitindo não só o compartilhamento com toda turma, mas também com os outros usuários do *microblogging*.

Uma outra rede social que o autor propõe é o *Skoob*, nesse caso, o professor tem a possibilidade de acompanhar as leituras dos alunos através de um recurso chamado paginômetro e, para o aluno, é possível postar resenhas da obra lida e, posteriormente, compartilhar a leitura. Segundo o autor, com essa prática, o professor não só incentiva e acompanha as leituras dos alunos, como também medeia os diversos tipos de compartilhamento feitos pelos alunos, ampliando o universo da leitura da turma.

No caso dessa pesquisa, em vez do *Skoob*, utilizamos a rede social *Instagram* para que os discentes pudessem produzir resenhas literárias como produto da mediação de leitura. Escolhemos o *Instagram*, pois além de ser um aplicativo cujo objetivo é a autopromoção do usuário, é utilizado para diversas outras finalidades, e, uma delas, para a leitura literária. Nesse ambiente, os perfis literários vêm ocupando, no aplicativo, um espaço importante que antes era destinado apenas aos *blogs* literários e costumam funcionar tanto como repositórios de textos autorais (ou não), como também de resenhas literárias.

3. Percurso Metodológico

Apoiando-nos em Cosson (2014) e entendendo que a sequência básica é uma metodologia que privilegia a interação entre o texto literário e o leitor, fizemos o processo de mediação seguindo os passos da sequência básica apresentados em nossa discussão teórica. A seguir, detalharemos a aplicação de cada etapa.

Escolhemos trabalhar com contos, visto que são textos de curta extensão e que podem ser trabalhados integralmente na aula. Na seleção dos contos, baseados em Albaladejo (2007), foram levados em consideração os seguintes critérios, a saber: a) os textos devem ser acessíveis, ou seja, apropriado ao nível do aluno; b) ser significativos e motivadores; c) oferecer várias formas de ser explorados; d) envolver diferentes aspectos socioculturais. Dessa forma, selecionamos os seguintes contos: "A Moça Tecelã", de Marina Colasanti; "No Retiro da Figueira", de Moacyr Scliar; "Venha Ver o Pôr do Sol", de Lygia Fagundes Telles e "Do Outro Lado da Janela", de André Carneiro.

Foram um total de quatro encontros, com duração de 50 minutos, em uma aula eletiva, com alunos de primeiro, segundo e terceiro ano do ensino médio de uma escola pública em tempo integral de Ensino Médio na cidade de Fortaleza, Ceará, durante o segundo semestre de 2020. Ressaltamos que, diante do contexto da pandemia, os encontros aconteceram remotamente de forma síncrona através da plataforma *Google Meet* e assíncrona através do *Google Sala de Aula* e de um grupo pelo *WhatsApp*.

No primeiro encontro, realizamos as etapas de motivação e introdução dos textos. Na etapa Motivação, trouxemos imagens relacionadas aos contos, fizemos alguns questionamentos sobre os temas das histórias para que os alunos fossem estimulados à leitura. Posteriormente, após despertá-los para a leitura, apresentamos os contos e seus respectivos autores, o que constituiu-se a breve etapa da Introdução. Dessa forma, após a apresentação das obras, alguns alunos foram manifestando suas preferências por algum dos contos apresentados. Posteriormente, cada um faria a leitura do conto escolhido e responderia duas questões de compreensão. Os contos e as atividades foram disponibilizados na plataforma do *Google Sala de Aula*. Propusemos, para o seguinte encontro, uma breve apresentação das suas impressões acerca da leitura para que, dessa forma, todos os alunos pudessem conhecer as histórias, opinar e trocar ideias.

Assim, o momento da leitura do texto foi realizado pelos alunos ao longo da semana. Ressaltamos que fizemos o acompanhamento dessas leituras através de um grupo no *WhatsApp*, no qual, diariamente, mandávamos mensagens e respondíamos eventuais dúvidas.

No segundo e terceiro encontro, após a etapa da leitura, os alunos puderam apresentar suas impressões sobre os contos. Todavia, percebemos que alguns não tinham realizado a leitura, por isso, decidimos ler alguns dos contos no momento da aula, junto com os alunos, para garantir que todos interagissem com os textos. Nessas aulas também discutimos as questões propostas no Google Sala de Aula juntamente com as respostas dos alunos. Alguns dos discentes, que tinham resolvido as questões antes da aula, ratificaram suas respostas, outros tiveram que fazer ajustes após as discussões dos textos e outros só responderam no momento da aula. Salientamos que essa etapa da leitura/compreensão é primordial para a etapa da interpretação, na qual propusemos a produção de uma resenha de um dos contos trabalhados.

Como detalhamos nos parágrafos anteriores, os três primeiros encontros foram dedicados ao momento de mediação da leitura dos textos literários. As etapas de motivação, introdução e de leitura, com o devido acompanhamento, constituíram-se o momento inicial da nossa metodologia. A seguir, no nosso quarto e último encontro síncrono, detalhamos o momento da interpretação em que, tendo se apropriado do texto literário, os alunos registraram suas impressões através da produção de resenhas.

Primeiramente fizemos uma imersão pelos perfis instabooks. Nesses perfis lemos algumas resenhas literárias e discutimos a sua estrutura, ressaltamos alguns pontos importantes presentes nas resenhas como a presença de alguns dados bibliográficos sobre o livro que está sendo resenhado, tais como o nome da editora, número de páginas, o resumo crítico, a opinião pessoal do resenhador e, em algumas postagens, as hashtags e os links. As imagens presentes nas resenhas também foram vistas como elementos importantes para a composição do gênero. Após esse momento, como atividade de casa, os alunos produziram, no Google Sala de Aula, suas resenhas baseadas nos contos escolhidos por eles nas aulas anteriores e, após a correção, postaram no Instagram, no perfil zevaldoramos, um perfil que abriga as atividades literárias dos alunos.

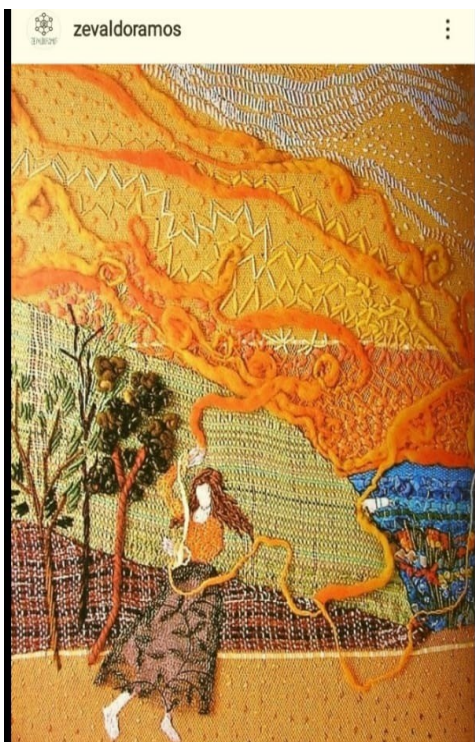
Assim sendo, na próxima seção, analisamos as resenhas literárias produzidas pelos alunos na etapa final da proposta.

4. Análise de dados

Conforme visto na seção anterior, essa pesquisa foi realizada em quatro encontros. Os três primeiros encontros foram dedicados ao momento de mediação da leitura dos textos literários, compreendendo as etapas motivação, introdução e leitura e, no último encontro, a etapa interpretação, na qual os alunos produziram as resenhas literárias.

Foram apresentadas pelos alunos seis resenhas, contudo para este trabalho, selecionamos duas para verificar o quanto os alunos tinham conseguido interpretar e se posicionar criticamente em relação ao conto escolhido e se tinham cumprido os requisitos mínimos em relação à produção do gênero resenha literária.

(1) Resenha 1



zevaldoramos A Moça Tecelã é um conto que narra o cotidiano de uma moça que tece fios em sua roca. É uma moça simples e feliz, que passa seus dias a tecer com cuidado e amor ao trabalho que executa. Através das cores de suas linhas percebemos também os seus humores. Usava linhas claras e amarelas para um dia ensolarado, outras vezes usava o cinza para dias chuvosos.

Ela se sentia satisfeita em sua casa e tecia tudo o que a desejar. No entanto, chega um tempo em que começa a se sentir solitária em sua casa. Ela resolve então, pegar alguns fios e tear um marido para lhe fazer companhia, mas mal sabia ela que se arrependeria de ter feito, pois os intuítos de seu cônjuge eram diferentes do seus.

Com isso, se lembrando de como se sentia bem tecendo os seus fios de todas as estações em sua volta para si, esperou-se anoitecer e resolveu-se se livrar de toda aquela confusão e tristeza que lhe fazia.

Ao final, encontra-se sozinha, em sua pequena casa, tecendo um novo amanhecer. Ela decidira voltar a ter sua vida simples e feliz, de tecer seus sonhos e alegrias.

A maior lição que este conto nos deixa é até que ponto podemos aceitar a pessoa a quem amamos deixando passando por cima de nossos próprios sentimentos e necessidades?! Deixando-nos próprio iludir por trás que é uma pessoa "saudável" Quando já está um tempo mais infelicidades do que bem estar com quem estamos envolvido, não havendo um equilíbrio entre ambos para uma base saudável dentro de uma relação, já é a hora de colocar na balança o que mais vale

Conto.: A moça tecelã
Autor (a) : Marina Colasanti

Fonte: Instagram ZéValdoRamos -
<https://www.instagram.com/p/CHLJilmJxte/>

Essa primeira resenha foi produzida por um aluno do segundo ano, o qual chamamos de **participante 1**, e trata sobre o conto "A Moça Tecelã", de Marina Colasanti. É um conto de fácil leitura, que não apresenta grandes dificuldades em relação ao léxico e costuma ser escolhido para ser trabalhado em turmas do nível fundamental. No entanto, levamos para uma turma eletiva de ensino médio por ser bastante heterogênea em relação ao nível de dificuldade de compreensão e interpretação da leitura.

Esse conto, nas etapas de mediação de leitura, rendeu diversas discussões em relação às transformações vividas pela personagem principal que, na história, era capaz de "tecer" a própria vida, entretanto em um momento do texto a personagem começa a ceder às "vontades" do marido, anulando seus próprios desejos até o momento em que se liberta e se separa desse "amor". Essas questões foram apontadas pelos alunos como possível retrato da mulher autônoma, que vai em busca de seus objetivos e que não se cala nem se submete às "autoridades" masculinas. Os alunos também ressaltaram que, às vezes, essa mulher depara-se com um relacionamento abusivo e nem sempre consegue sair desse relacionamento.

Essas discussões foram importantes, porque facilitaram no processo de leitura e interpretação e, conseqüentemente, no processo de escrita do aluno que, na resenha, foi capaz de interpretar o conto através do resumo escrito, utilizando as próprias palavras, o que Leffa (2012) nomeia como um tipo de interpretação por paráfrase, em que o leitor faz a explicação para outros leitores sobre diferentes textos (religioso, jurídico, literário, etc.), e sobre diferentes modos de produção (charges, músicas, filmes, etc.), na tentativa de facilitar essa explicação, utilizando seu ponto de vista.

O aluno também foi capaz de se posicionar criticamente, marcando esse posicionamento após o resumo através do recurso linguístico/literário lição de moral muito presentes nas fábulas: "A maior lição que este conto nos deixa (...)", sinalizando que

entendeu que o texto também faz parte do universo dos contos maravilhosos que envolvem elementos mágicos e, às vezes, ensinamentos sobre a essência humana.

O participante 1 ainda indaga ao leitor “ (...) e até que ponto podemos aceitar a pessoa a quem amamos deixando passar por cima de nossos próprios sentimentos e necessidades?!” E essa indagação não fica sem resposta, pois o discente direciona o leitor para seu ponto de vista “Deixando-nos próprios iludidos por trás de quem é uma pessoa "saudável" Quando já está há algum tempo (no relacionamento) mais infelizes do que bem-estar, não havendo um equilíbrio entre ambos para uma base saudável dentro de uma relação. Já é a hora de colocar na balança o que mais vale”, dessa forma, percebe-se que o participante relacionou o texto literário com o mundo exterior, ocupando o lugar de um leitor crítico que “não apenas compreende, infere, analisa, mas o faz em relação a algum parâmetro exterior ao texto, um parâmetro que é seu, essa norma pode ser uma forma de agir e de fazer, uma opinião, uma forma de perceber o mundo”. (KLEIMAN, 2007, p.100).

Quanto à ilustração, representada pela figura 1, o participante 1 representou o conto muito bem através da escolha da figura de um bordado, que ilustra uma garota segurando uma linha (ou fio de lã) de cor alaranjada, simbolizando os traços de luz do amanhecer tecidos pela personagem na cena final do conto. No entanto, o participante não deu os créditos de onde a imagem foi retirada. Quanto ao texto, o participante 1 cumpre os requisitos mínimos do gênero resenha, pois, seguindo as proposições apontadas por Motta-Roth (2010), apresenta o conto na introdução, descreve através de um resumo no desenvolvimento da resenha e avalia e se posiciona em relação ao conto, mostrando a interação durante o processo de leitura. Porém a recomendação poderia ter sido feita de forma mais explícita por parte do aluno. O participante 1 também sinaliza o título do conto, a autora e as hashtags “#instabook #amocatecelã#resenhas #leituras” que têm o objetivo de marcar seu texto para atrair novos leitores ou novos seguidores de perfis literários. A seguir, analisamos a resenha 2.

(2) Resenha 2



zevaldoramos No início já esperamos um conto de família, pois o narrador, marido e o pai de dois filhos, descreve o quanto o Retiro da Figueira aparenta ser um local retirado de algum sonho.

"Mas o que agradou a minha mulher, foi a segurança". Essa fala, dita pelo narrador, torna-se até irônica após você ler. Primeiro você sente pena, depois acaba rindo um pouco da situação da coitada. Deve ter acontecido algo antes deles mudarem de bairro, pois a mulher aparentava estar muito relutante antes de ver o tanto de "seguranças" ao redor do local.

De toda forma, ao decorrer da leitura a gente acaba se perdendo pelas letras, querendo saber até onde aquilo irá dar. Afinal, eles descreveram o local como realmente um sonho, mas é como se diz: Tudo de bom tem um fundo ruim.

"Fez um lista dos parentes e amigos de cada morador - para qualquer emergência, explicou, com um sorriso tranquilizador."

É... Assim, colega, o número do meu pai e da minha mãe são suficientes. Amigos e colegas?! Sério?

O chefe da polícia parecia simpático, alegre e correto. Ele era quem deixava o café da manhã preparado para os moradores, era ele quem ajudava quando alguém tinha problemas.

"Não foram todos que receberam o prospecto, talvez eu seja o único que tenha recebido em minha firma."

Antes de comprar algo, a gente não procura outras opiniões? Fiquei com vontade de entrar na história e sacudir os ombros desse cara, pois provavelmente ele estava cego pela beleza do lugar, pelo encantamento da sua mulher e o entretenimento dos seus filhos, que eram os pôneis, ou também a quadra de tênis. Sim, tinha isso.

"É que haviam marginais ao redor do retiro."

(continuação)

E a mesma fala se repetiu no dia seguinte, em uma segunda, e no outro dia também, os impedindo de dar uma saída do local.

O Retiro da Figueira é um conto maravilhoso, que nós pega nos primeiros dois parágrafos, e o final acaba revirando a gente de cabeça pra baixo. É como se o autor te dissesse entre as linhas: Não esperava por isso, né? Kkk

Autor do conto: Moacyr Scliar.

Comentário: Resenha feita pela aluna Andressa A.

#instabook #generosliterarios #contos #resenhaliteraria

(continuação)

Fonte: Instagram ZéValdoRamos - <https://www.Instagram.com/p/CGYNiOKJO3U/>

Essa resenha foi produzida por um aluno do 3º ano, o qual chamamos de **participante 2**, e é sobre o conto "Retiro da Figueira", de Moacyr Scliar. É um conto que requer um pouco mais de maturidade do leitor, uma vez que há na leitura uma quebra de expectativa. No início o leitor espera que a família vá morar em um lugar tranquilo, mas aos poucos o narrador vai dando pistas que o condomínio, que tinha ótimas referências, era bom demais para ser verdade.

O conto foi levado para a turma por seu valor estético e por tratar da temática que faz parte da realidade dos alunos, que é a segurança. A maioria dos alunos dessa escola moram na periferia de Fortaleza e costumam vivenciar frequentes situações de insegurança. Nos encontros em que ocorreram as etapas de mediação de leitura, os alunos relataram alguns episódios vividos por eles que simbolizavam bem essa insegurança. Outro fato que foi ressaltado pelos participantes é de serem céticos que um dia conseguiriam morar em um condomínio descrito pelo texto, apesar de terem vontade: "É só pra gente rica, professora! E se um dia alguém sequestrar a gente, vai ter é prejuízo (risos)" [SIC]. Nessa fala, também percebemos que alguns alunos já tinham entendido que se tratava de um sequestro, mas essa percepção, no primeiro momento, não foi unânime na sala.

Quanto à resenha desse conto, foi muito bem realizada pelo participante 2. O aluno escreveu um texto marcado por uma boa organização textual e por um estilo de escrita bem particular. Quanto à organização textual, na introdução, o participante 2 previne seu público leitor de que o conto passa para o leitor da história uma expectativa em relação ao desfecho que não se concretiza e explica, no decorrer da resenha, porque isso não acontece. O resenhista também organiza seu texto, revezando entre destaques de partes importantes da narrativa e a sua avaliação do conto.

Porém o que mais nos surpreendeu foi o estilo de escrita do aluno que é marcado por posicionamentos críticos: "Antes de comprar algo, a gente não procura outras opiniões? Fiquei com vontade de entrar na história e sacudir os ombros desse cara (...)", também pela conversa direta com o leitor da resenha, que é uma característica muito presente nos textos

das redes sociais: "ele estava cego pela beleza do lugar, pelo encantamento da sua mulher e o entretenimento dos seus filhos, que eram os pôneis, ou também a quadra de tênis. Sim, tinha isso (leitor)!" e "É como se o autor te dissesse entre as linhas (...)".

Outra característica marcante dessa resenha são algumas inferências apresentadas pelo participante 2, como a seguinte passagem: "Deve ter acontecido algo antes deles mudarem de bairro, pois a mulher aparentava estar muito relutante antes de ver o tanto de "seguranças" ao redor do local." Ressaltamos a importância desse ponto, pois, para Cosson (2014), nessa etapa de interpretação, as inferências ocupam um lugar importante no processo da leitura, uma vez que comprovam que o leitor, por meio de deduções, relacionou a leitura com seu conhecimento de mundo.

No final da resenha, há uma recomendação em relação à leitura do livro, mas não de forma explícita, assim como na resenha 1, mas de forma bem mais perceptível, pois o participante usa de marcadores linguísticos, como os adjetivos, para o convite à leitura, como podemos perceber no trecho: "O Retiro da Figueira é um conto maravilhoso, que nós pega nos primeiros dois parágrafos, e o final acaba revirando a gente de cabeça pra baixo.". O participante 2 também sinaliza o autor do livro, as hashtags "#instabook #generosliterarios #contos #resenhaliteraria" e apresenta uma ilustração (figura 2) recriada por ele mesmo. Nessa imagem tem, como pano de fundo, umas árvores, representando a figueira, e sobreposto o nome do conto e o aviso de que se trata de uma resenha literária.

7. Considerações Finais

Esse estudo teve o objetivo de apresentar uma proposta metodológica de mediação de leitura literária para a produção de gêneros emergentes em ambientes digitais. Ao longo da pesquisa, apresentamos as etapas, baseadas em Cosson (2014), que seguimos para a realização da mediação. Ressaltamos que, em cada etapa, buscamos a interação dos alunos com o texto literário que, no caso do nosso trabalho, foram os contos citados. Assim, após a realização de todas as etapas e da promoção da experiência literária dos alunos, partimos para o momento de integração em ambiente digital.

Conforme ressaltamos ao longo da pesquisa, a integração em ambiente digital é caracterizada pela presença da literatura nesses ambientes. Assim, ao tratarmos da etapa da interpretação, momento em que os alunos produziram uma resenha literária dos seus contos prediletos, realizamos também a integração em ambiente digital, pois as produções foram postadas no Instagram da escola seguindo as características das resenhas literárias apresentadas nos perfis literários. De acordo com o que ressaltamos em nossa análise, as resenhas produzidas pelos alunos apresentadas e analisadas nos mostraram o posicionamento crítico e poder de inferência marcado pela dialogicidade dos leitores com os textos literários. Essas são as características da interpretação, que, segundo Cosson (2014), é um momento de diálogo entre autor, leitor e comunidade. Também aplicamos um questionário aos alunos. No geral, os discentes avaliaram positivamente os momentos de interação, as etapas da proposta de mediação e a produção da resenha literária.

Por fim, desejamos que essa pesquisa contribua para as abordagens com os textos literários na escola, sobretudo, no ensino médio. Esperamos também que as análises aqui apresentadas sirvam de reflexão e abram discussões para estudos vindouros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBADALEJO, M. D. G. (2007). Cómo llevar la literatura al aula de ELE: de la teoría a la práctica. *Marco ELE*, Istanbul, n.5, p.1-51.

BARBOSA, J.B; BARBOSA, M.V. (2013) *Leitura e Mediação: Reflexões sobre a formação do professor*. Campinas, SP: Mercado das Letras.

BUZATO, M. E. K. (2016). Três Concepções para O Estudo De Redes Sociais. In: ARAÚJO, J., LEFFA, V.(org.) *Redes Sociais e Ensino de Línguas: o que temos que aprender*. São Paulo: Parábola, p. 33-48.

CARVALHO, D. B. A. (2010). Literatura infantojuvenil: diálogos entre a cultura impressa e a cibercultura. *Desenredo – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras de Passo Fundo*, Passo Fundo, v.6, n.2, p.154-169.

CAVALCANTE, L.E.(2018) *Mediação da leitura e formação do leitor*. Curso formação de mediadores de leitura. Fortaleza, CE : Fundação Demócrito Rocha.

COSCARELLI, C. V. (Org.). (2016). *Navegar e Ler na Rota do Aprender. Tecnologias para aprender*. São Paulo: Parábola Editorial. 192p.

COSSON, R. (2014). *Letramento literário: teoria e prática*. 2 ed., 9º reimpressão.São Paulo: Contexto.

COSSON, R.(2019). O que acontece com o ensino da literatura em tempos de internet? uma reflexão em três hipóteses. In: FREITAS, Ernani C. et al. *Leitura, literatura e linguagens: novas topografias*. São Paulo: Cultura Acadêmica Digital, p.147-160.

GOMES, L. F. (2016). Redes Sociais e Escola: o que temos de aprender? In: ARAÚJO, J.,LEFFA, V.(org.) *Redes Sociais e Ensino de Línguas: o que temos que aprender*. São Paulo: Parábola, p. 81-92.

LEFFA, V.(2012) Interpretar não é compreender: um estudo preliminar sobre a interpretação de texto. In: Vilson J. Leffa; Aracy Ernst. (Org.). *Linguagens: metodologia de ensino e pesquisa*. Pelotas: Educat, p. 253-269.

LOPES, L. P. M. (2012). O novo ethos dos letramentos digitais: modo de construir sentido, revolução das relações e performances identitárias fluidas. In: FIAD, R.S; SIGNORINI, I. (Orgs.). *Ensino de língua: das reformas, das inquietações e dos desafios*. Belo Horizonte: UFM, p.2002-229.

LOPES, R. C. (2021) *Práticas de leitura literária com gêneros emergentes no ambiente digital: impactos no letramento literário de alunos de ensino médio de uma escola pública de Fortaleza. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.*

KLEIMAN, A. B. (2007). Formando leitores críticos. In: MARI, Hugo; WALTY, Ivete; FONSECA, Maria. *Ensaio sobre leitura 2*. Belo Horizonte: PUC.

LOYOLA, J. S.(2013) *Leitura Literária e Ensino: paradoxos, desafios e propostas*. In: BARBOSA, Juliana Bertucci; BARBOSA, Marinalva Vieira (Orgs.). *Leitura e Mediação: Reflexões para a formação do professor*. Campinas, SP: Mercado de Letras.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Gabriela Rabuske. (2010). *Produção textual na universidade*. São Paulo: Parábola Editorial. Série Estratégias de ensino. n. 20, 167pp.

SANTAELLA, L. (2014). O leitor ubíquo e suas consequências para a educação. In: TORRES, PatriciaLupuion. (Org.). *Complexidade: redes de conexões na produção do conhecimento*. Curitiba: Kairós Edições, 2014. p.27-44.

TOFFLER, A. (2010). *A terceira onda*. Rio de Janeiro: Record.491p.